

## MEMÓRIAS LITERÁRIAS DE BELÉM DOPARÁ: ITINERÁRIOS MODERNISTAS (1923 – 1952)

Marinilce Oliveira Coelho  
Doutoranda em Teoria e História Literária/Instituto de Estudos da Linguagem/ Unicamp

### I

Começava o século XX, e Belém retratava um cenário de desilusão e decadência, após ter vivido os ares cosmopolitas das ricas cidades européias. No auge da expansão da borracha era uma das cidades mais notáveis da América Latina e tinha um dos portos mais movimentados do país, depois do Rio de Janeiro e Santos. Possuía diversas praças e logradouros públicos, além de ruas pavimentadas, sistema moderno de bodes elétricos, água encanada, edifícios pomposos como o Teatro da Paz e o Palácio do Governo<sup>1</sup>. No ano de 1910, a crise financeira castigava o comércio local e o preço da borracha no mercado mundial começava a cair. A situação agravou-se por volta de 1912, quando a concorrência comercial foi aberta pela Malásia, que começava a explorar o látex de seus seringais, por um preço bem mais baixo em relação ao do Brasil. O declínio da economia do látex causou na região amazônica um choque em seu quadro sócio-cultural<sup>2</sup>. As cidades urbanizadas com os negócios da borracha entraram em colapso e abandono. Nesse cenário bastante desanimador, os “barões da borracha” viram a economia da região amazônica passar por um declínio irreparável. Nas décadas seguintes, o desinteresse econômico pela região provocou uma quebra nas comunicações com o mundo europeu, “a região derrotada foi obrigada a se interessar pelas coisas do Brasil <sup>3</sup>”.

---

<sup>1</sup> A respeito de o assunto ver: WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. São Paulo: HUCITEC: Editora da USP, 1993 (Estudos históricos; 20).

<sup>2</sup> SOUZA, Márcio. *Breve História da Amazônia*. 2ed. São Paulo: Marco Zero, 1994, p.147. Nessa obra o autor comenta a respeito da crise econômica pela qual passou a região norte do Brasil, naquele período. Segundo Márcio Souza, a partir de 1910 já era visível o recurso precário da região. Por volta de 1920, quando o “capitalismo mundial atravessa um dos seus momentos de frenesi, as orgulhosas metrópoles, Belém e Manaus, eram cidadelas em liquidação”.

<sup>3</sup>Ibid. op.cit. p.147.

## II

Nesse momento surge a literatura modernista<sup>4</sup> no Pará, a ser apresentada em três momentos distintos: primeiramente, o movimento da revista *Belém Nova*, na década de 20; em seguida o da revista *Terra Imatura*, nos anos 30, e, em terceiro o do Suplemento Arte Literatura do jornal “Folha do Norte” e das revistas *Encontro* e *Norte*, nas décadas de 40/50. É preciso lembrar que outros periódicos literários circularam nessas décadas em Belém, porém, no momento este trabalho limita-se aos itinerários dos movimentos literários anteriormente citados.

Em Belém, a Geração literária de 20 posicionou-se contrária a literatura romântica que até então predominava nos saraus literários do Teatro da Paz<sup>5</sup>. A revista *Belém Nova*, dirigida por Bruno de Menezes<sup>6</sup>, teve em suas páginas o movimento de 20. A revista era quinzenal e circulou por quase seis anos, mas precisamente de setembro de 1923 a abril de 1929. Um período considerado bastante longo para um periódico literário. A impressão era feita na gráfica oficial do Estado do Pará e a Redação funcionava na rua 28 de Setembro nº 6, em Belém. Nas páginas desta revista encontram-se seções de poesia, conto, ensaio, crônica, crítica literária, noticiário, coluna social, cartas do leitor, publicidade de lojas, bancos, livrarias, serviços de médicos, dentistas, advogados. Abgvar Bastos, Bruno de Menezes, De Campos Ribeiro, Eneida de Moraes, Eustaquio de Azevedo, Jaques Flores, Oswaldo Orico,

---

<sup>4</sup> O conceito de Modernismo em literatura, ora levantado, abrange os três fatos interligados entre si considerados por Antônio Cândido: “um movimento, um estética, um período”. Esse estudo serve-se dos limites da Semana de Arte Moderna, em 1922; da maturação na ficção regionalista de 30; do término em 45 da fase dinâmica do Modernismo e da “Geração de 45”. Sobre o assunto ver: CÂNDIDO, Antônio, CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira – Modernismo*, v.3,5 ed, São Paulo: Difel, 1975, p.7.

<sup>5</sup> A vida literária de Belém da *belle-époque* foi bastante movimentada, com destaque para a Mina Literária (1894 –1899), associação de escritores fundada por Eustachio de Azevedo (1867 –1943). Tinha o objetivo de promover concursos, conferências, palestras literárias, além da publicação de livros de autores locais. O grupo editou a *Revista Amazônica* (1870-1885). Por volta de 1887, aparecem as revistas *A Arena* e *Sílvio Romero*.

<sup>6</sup> Bento Bruno de Menezes Costa nasceu em Belém em 21 de março de 1893. Filho de pais pobres, Bruno de Menezes estudou apenas o curso primário, iniciando-se logo na vida de aprendiz de encadernador. O objeto de ofício despertou-lhe o interesse pela leitura e pelo conhecimento. Tornou-se um autodidata. Em 1923, fundou e dirigiu a revista *Belém Nova* (1923-1929), reunindo jovens poetas e intelectuais a fim de divulgarem as novas idéias estéticas e literárias advindas com a Semana de Arte Moderna de 22. Faleceu em Manaus, a 2 de julho de 1963. Livros: *Poesia – Crucifixo* (1920), *Bailado Lunar* (1924), *Poesia* (1931), *Batuque* (1931), *Lua Sonâmbula* (1953), *Poema para Fortaleza* (1957), *Onze Sonetos* (1960). *Folclore – Boi Bumba: Auto Popular* (1958), *São Benedito da Praia: Folclore do Ver-o –Peso* (1959). Estudos Literários –*À margem da Cuia Pitanga* (1937), estudo sobre o livro de Jaques Flores. Ficção – *Maria Dagmar* – novela (1950) e *Candunga* – romance (1954).

foram alguns dos colaboradores locais. Do Rio de Janeiro e de diversos estados brasileiros, escritores com Almacio, Diniz, Adelino Magalhães, Assis Garrido, Antônio Garrido, Carlos Garrido, Carlos Fernandes, Francisco Galvão, Jayme d'Áltavilla, Martin Napoleão, Raul Bopp, Peregrino Junior, Tasso da Silveira, Severino Silva entre outros colaboravam com essa revista paraense.

Três manifestos foram publicados na revista *Belém Nova*, anunciando a chegada do Modernismo na literatura paraense. Citamos: *O Manifesto da Beleza*, publicado no número 2, de 30 de setembro de 1923, assinado por Francisco Galvão; *À Geração que surge!* - publicado no número 5, de 10 de novembro de 1923, de autoria de Abguar Bastos, e outro mais tardio, do mesmo autor, intitulado *Flami-n'-açu* (a grande chama), manifesto endereçado aos intelectuais paraenses, lançado na revista de n.74, de 15 de setembro de 1927.

*O Manifesto da Beleza* pode ser considerado um marco na introdução do Modernismo na literatura paraense. A idéia constante do manifesto é a de renovação dos valores estéticos e literários, não só sob uma ótica local, mas também nacional. Uma metáfora reveladora da contraposição ao passado literário, “aos ourives do verbo”. O manifesto organiza-se em três momentos distintos: o primeiro apresenta-se uma narrativa de tom retórico e quase bíblico: “Todo aquele que atraiçoar a Beleza será castigado pela sua infâmia criminosa (...)/ Os ‘ourives’ do verbo passaram”; na qual anuncia-se à ruptura da Arte como Artifício. O segundo, desmistifica a tradição em que se encontrava a literatura brasileira: “(...) imitava-se Zola, plagiava-se Alexandre Dumas”. Finalmente, em tom exclamativo e eufórico, o autor apresenta os novos escritores, pintores, escultores, músicos e intelectuais modernistas. Convoca a todos a participarem deste instante de “renovação do Brasil”: “Meus irmãos da Arte, (...) Vinde ter ao nosso chamado. Porque nós estamos fazendo a grande obra de criação de uma Arte puramente nossa”.

Em alguns trechos o manifesto lança palavras de ordem que expressam a violência tão glorificada pelos futuristas: “Guerra de morte aos pastranos, aos nulos de toda espécie”, em outro verso: “Guerra sem trégua aos imitadores!”. Apesar do *Manifesto* apresentar certos indícios futuristas, no entanto, a revista *Belém Nova* não chegou a ser adepta desse movimento. Considera-se que, o manifesto acima citado expressa a efervescência cultural do momento. Em vista disso, o autor encontra-se embaralhado na experimentação da linguagem modernista.

Os outros dois manifestos publicados trazem a marca da agitação da época: “Libertemo-nos! Mostremos aos anêmicos de iniciativa, de patriotismo, de atividade, que o Norte pode ter a sua literatura!”, declara Abguar Bastos em tom apaixonado em *À Geração que surge!*

Os manifestos publicados na revista *Belém Nova* são metáforas da busca incisiva de uma literatura nortista, que tentava estabelecer-se com o movimento modernista nacional. Embora, o grupo da *Belém Nova* acenasse com “simpatias pela revolta de Graça Aranha e admiração pelo grupo de Mário de Andrade, não floresceu no Pará (...) a verdadeira poesia futurista”.<sup>7</sup>

### III

A região amazônica transitava nos anos 30 e 40 entre o isolamento e o abandono. O negócio da borracha tornava-se caso perdido para inúmeros investidores e seringueiros da região. Em 1942, os Estados Unidos, através de acordos, com o governo brasileiro estabeleceram novas operações comerciais com a extração do látex, a fim de aumentar o

<sup>7</sup> RIBEIRO, De Campos. *Graça Aranha e o Modernismo no Pará*. 2ed, revista pelo autor e ilustrada com documentário fotográfico. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973, p.17.

estoque da borracha dos aliados e bloquear o produto asiático que dominavam o mercado mundial<sup>8</sup>.

As cidades de Belém e Manaus respiraram novos ares com a euforia econômica que parecia tomar conta da região. Quando a guerra acabou, a “Batalha da Borracha” deixava para trás suas marcas na cidade: aeroportos construídos na selva, a presença de uma base aérea norte-americana, em Belém, a drenagem de canais, a canalização de água e esgoto e um saldo de “quinze e vinte mil trabalhadores mortos no mais completo abandono na floresta,”<sup>9</sup> que haviam sido recrutados pelo governo federal para extrair borracha no interior da região amazônica.

No movimento literário local, em 1938, publicou-se em Belém a revista literária *Terra Imatura*, dirigida pelos irmãos Cleó Bernardo e Sylvio Braga. Teve como redator chefe Ruy Guilherme Paranatinga Barata (1920 –1990)<sup>10</sup> e José Mendes Pereira, de circulação mensal, permaneceu até 1942. Colaboram como redatores: Adalcinda Camarão, Aloysio Chaves, Bruno de Menezes, Daniel Coelho, Dalcídio Jurandir, Francisco Paulo Mendes, Machado Coelho, Mário Couto, Stélio Maroja entre outros nomes. Contribuiu no sentido de congregar os intelectuais paraenses que estavam dispersos, isolados, sem ligação alguma. Uns, nem se conheciam pessoalmente, e outros já moravam fora do estado do Pará<sup>11</sup>. Ligada às aéreas de Letras, Artes e Ciências, a revista recebeu este nome como um modo de homenagear o escritor Alfredo Ladislau, que publicou o romance **Terra Imatura**, em 1923, no qual trata de

---

<sup>8</sup> Ibid.op.cit. p.152-153.

<sup>9</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. *A Batalha da Borracha. Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p.219.

<sup>10</sup> Ruy Guilherme Paranatinga Barata nasceu em Santarém, no Estado do Pará, a 25 de julho de 1920. Veio para Belém a fim de estudar o ginasial no Colégio dos Irmãos Marista. Formouse pela Faculdade de Direito do Pará. Colaborou na revista *Terra Imatura*, *Novidades*, *Encontro* e *Norte*. Em 1948/50 participou da redação do Suplemento Arte Literatura, do jornal “Folha do Norte”. Nessa mesma época, dirigiu o Suplemento literário da “Província do Pará”, em Belém. Foi parlamentar em 1959 pelo PSP. Foi professor de literatura brasileira pela Universidade Federal do Pará. Teve letras de poemas musicadas. Morreu em 24 de abril de 1990, em São Paulo, onde estava pesquisando sobre Mário de Andrade na Amazônia. Livros: *Poesia* (1943), *Linha Imaginária – poesia* (1951).

<sup>11</sup> BARATA, Ruy Guilherme Paranatinga. *A Geração Remediada do Pará dá boa tarde a Fortaleza* por intermédio de Ruy Barata. *Folha do Norte*, Belém, 20 jul 1947. *Suplemento Arte Literatura*, n.3, p.3. Entrevista.

questões sobre o atraso cultural e econômico da região X a opulência da natureza local, na voz de dois personagens: Aiúna e Arianda.

O editorial da revista *Terra Imatura*, de maio de 1938, n.2, explica a intenção de seus jovens redatores em homenagear Alfredo Ladislau, um modo de se ter um “Brasil mais nosso, por uma Amazônia mais ajudada”. Clama pelo apoio dos estudantes, no sentido de cerrarem as fileiras contra “a crítica despeitada das mentalidades de almanaques”. A respeito dessa revista, comenta Benedito Nunes da raridade dos “sinais de inquietação e de rebeldia política.”<sup>12</sup> A revista traz em suas páginas contos, poemas, crônicas de autores paraenses. Entretanto, as dificuldades ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial, o “arrocho” cada vez maior imposto pela ditadura de Getúlio Vargas, a política local do interventor Magalhães Barata contribuíram para o “desfalecimento” da vida literária paraense daquele período. Um momento tão promissor na literatura paraense teve seu desfecho, segue-se um período da “mais absoluta esterilidade no terreno editorial.”<sup>13</sup>.

#### IV

Em 1946, Haroldo Maranhão (1927 -)<sup>14</sup> fundou e dirigiu o *Suplemento literário* do jornal “Folha do Norte”, que circulou em Belém até 1951, num total de 165 números. O formato tablóide, de 4 páginas ou de 8 em edições comemorativas, tinha publicação semanal, aos domingos. O leque de colaboradores é extenso, tanto na poesia quanto na crítica literária.

---

<sup>12</sup> NUNES, Benedito (org.). Francisco Paulo Mendes, para além da crítica literária. *O amigo Chico, fazedor de poetas*. Belém: SECULT, 2001, p.17.

<sup>13</sup> ibd. Op.cit.3.

<sup>14</sup> Haroldo Maranhão nasceu em Belém a 07 de agosto de 1927. Formado pela Faculdade de Direito do Pará, exerceu o jornalismo desde os treze anos de idade, quando trabalhou como repórter policial no jornal “Folha da Manhã”, de propriedade de seu avô Paulo Maranhão. Na Redação do jornal chegou a ser redator-chefe. Criou e dirigiu o Suplemento Arte Literatura (1946-1951) deste jornal. Mora atualmente em Petrópolis-RJ. Livros: *A Estranha Xicara* – estórias curtas (1968), *Chapéu de Três Bicos* – contos (1975), *Vôo de Galinha* – contos (1978), *A Morte de Haroldo Maranhão* - novela (1981), *O Tetranelo Del-Rei* - romance (1982), *As Peles Frias* – contos (1982), *Os Anões* - romance (1983), *A Porta Mágica* – romance (1983), *Flauta de Bambu* – crônica e histórias curtas (1983), *Dicionário Maluco* – juvenil (1984), *O Começo da cuca* – novela juvenil (1985), *Quem roubou o bisão?* – infantil (1986), *Jogos Infantis* – conto (1986), *A Árvore é uma vaca* – infantil (1986), *Rio de Raiva* – romance (1987), *Senhoras e Senhores* – páginas de um diário (1989), *Cabelos no Coração* – romance (1990), *Memorial do Fim: a morte de Machado de Assis* – romance (1991), *Miguel Miguel* – novela (1992), *Querido Ivan* – cartas (1998), *Dicionário de Futebol* (1998), *Pará, Capital Belém: memória & pessoas & coisas & coisas & coisas da cidade* – antologia (2000).

As últimas poesias de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Ledo Ivo, Augusto Schmidt, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira alternavam-se com a poesia de Alonso Rocha, Benedito Nunes, Cauby Cruz, Haroldo Maranhão, Jurandir Bezerra, Max Martins, Mário Faustino, Ruy Barata, Paulo Plínio Abreu, poetas locais que ficaram conhecidos como o “grupo dos novos”.

O *Suplemento* contava também, com a crítica literária nacional e internacional. Álvaro Lins, Aurélio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Guido Puccio, Lúcia Miguel Pereira, Suzana Labin, Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Millet, Otto Maria Carpeaux, Wilson Martins, Roger Batisde, foram alguns dos críticos reconhecidos daquela década de 40, que publicaram seus artigos nas páginas no *Suplemento* da “Folha do Norte”. Por volta de 1949 e 1950 surgem artigos de Murilo Mendes e do crítico português João Gaspar Simões.

A tradução de poemas para a língua portuguesa, por autores locais e nacionais, também, fazia parte do *Suplemento* foram publicados. Mário Faustino, Ruy Barata, Paulo Plínio Abreu, entre os tradutores locais, e Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, entre os nacionais. Traduziram Rilke, T.S.Eliot, Rafael Alberti, Walt Whitman, Garcia Lorca, Maiakovski.

Da crítica literária local, encontram-se nomes de Benedito Nunes, Haroldo Maranhão e Francisco Paulo Mendes. Há em comum entre esses críticos a preocupação com o papel do intérprete da obra literária e com o alargamento dos domínios da poesia moderna, naquele tempo de guerra.

O *Suplemento* trazia ainda, coluna literária, crônica, conto, entrevista, noticiário sobre lançamento de livros. Quanto à ilustração, dispunha de caricaturas e fotografias de escritores, poetas e críticos locais, nacionais e internacionais. Umas séries de fotografias de pinturas ou de esculturas modernistas. Entre as pinturas, Marc Chagall, Picasso, Salvador Dali, Lasar

Segall, além de fotos de escultura de Bruno Giorgi, desenhos de Aldo Bonadei, Sigaud e de Santa Rosa, e de xilogravura de Yllen Kerr.

Em 1948, foi lançada a revista *Encontro*. Tinha como diretores Benedito Nunes, Mário Faustino e Haroldo Maranhão. Apesar de ter sido publicado um único número, essa revista foi bastante significativa para o movimento literário paraense, pois trouxe em suas páginas poemas, ficção, ensaios literários, divulgação de livros e eventos literários. Nela acham-se ainda comentários sobre música erudita e teatro. No ano de 1952, o mesmo grupo de intelectuais lança a revista *Norte*, também de tiragem efêmera: três números publicados. A direção de Benedito Nunes, Max Martins e Orlando Costa. Essa revista publicou poesia, ensaio, resenhas de livros, artigos sobre literatura, filosofia, teatro, cinema.

Apesar da curta duração das revistas literárias da década de 40, podemos concluir que, juntamente com o *Suplemento literário* da “Folha do Norte”, esses periódicos paraenses apresentam colaborações individuais com ligações recíprocas entre seus autores. Uma metáfora do esforço comum de homens preocupados com os mais diferentes problemas humanos.

O aparecimento do *Suplemento literário* da “Folha do Norte” preencheu uma lacuna na história da literatura paraense. Alguns nomes da literatura local de gerações anteriores reaparecem nas páginas do *Suplemento*, como o de Francisco Paulo Mendes, Ruy Barata, Bruno de Menezes, Dalcídio Jurandir. O *Suplemento* influenciou decisivamente na literatura local ao publicar a crítica de Álvaro Lins, Otto Maria Carpeaux, Murilo Mendes, ou, a poesia de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, ou os contos de Marques Rebelo, dentre outros. Os diários locais, até então haviam se limitados a publicar, aos domingos, sonetos parnasianos.



Diante disso, os intelectuais, escritores e poetas paraenses podem ser vistos como mediadores de uma tradição literária local, edificada nos fluxos e refluxos dos movimentos sociais, políticos, históricos. O movimento literário é signo propulsor de relações dialéticas significativas de criação e recriação da linguagem. A formação da cultura brasileira tem um “caráter plural” e não homogêneo. Isso possibilita interpretá-la como “resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço<sup>15</sup>”.

O movimento literário modernista no Pará de 23, circunscrito a revista *Belém Nova*, a presença da revista *Terra Imatura*, nos anos 30, o moderno movimento do “antiprovinciano tablóide” da “Folha do Norte”, em 46 e das revistas literárias, no início de 50, não se encontram acima ou abaixo de outras produções culturais ocorridas nessa mesma época, no país. Os manifestos, a poesia, a prosa e a crítica literária produzidas pelas gerações modernistas do Pará indicam testemunho do caráter diversificado e heterogêneo dos movimentos literários nacionais.

---

<sup>15</sup> BOSI, Alfredo. “Plural mais não caótico”. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1992, p.7.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1992.
- CÂNDIDO, Antônio, CASTELLO, José Aderaldo. *Literatura Presença da Brasileira*, v.3, 5ed, São Paulo: Difel, 1975.
- MENEZES, Bruno. *Obras completas*. Belém: SECULT, 1993.
- RIBEIRO, De Campos. *Graça Aranha e o Modernismo no Pará*, 2 ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973. (Série “Inglês de Sousa”).
- ROQUE, Carlos. *Antologia da Cultura Amazônica*. Belém: Edições Culturais, s/d.
- SOUZA, Márcio. *Breve História da Amazônia*, 2 ed. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850 - 1920*. São Paulo: HUCITEC: Editora da USP, 1993 (Estudos históricos; 20).

## PERIÓDICOS

- Folha do Norte, Suplemento Arte Literatura*. Belém (PA), 1946 –1951.
- Revista Belém Nova*. Belém (PA), 1923 -
- Revista Terra Imatura*. Belém (PA), 1938 -
- Revista Encontro*. Belém (PA), 1948.
- Revista Norte*. Belém (PA), 1952.